

GDF estuda o que

Cidade

DF

26/6/86, QUINTA-FEIRA • 15

fazer das invasões

Ailton C. Freitas

Lúcia Araújo

A Vila da Ceb, localizada atrás do depósito da Companhia de Eletricidade de Brasília, no setor de Indústria, vai ser objeto de estudo, cujas conclusões serão aplicadas como experiência-piloto para a solução dos problemas de outras invasões do Distrito Federal.

A decisão foi tomada ontem pelo chefe do Gabinete Civil do Governo. Guy de Almeida, depois que o governador José Aparecido determinou uma solução para aquele aglomerado de 1200 famílias que vivem em barracos que não ultrapassam os cinco metros quadrados.

O Governador recebeu ontem a presidente da Associação dos Moradores da Vila da Ceb, Antônia Cirlene de Lucena e o secretário, Edson Santos Pimentel. Eles pediram ao Governador a mudança dos moradores para uma área próxima, como Guará ou Candangolândia, alegando condições subumanas de vida.

Denúncia

Antônia Cirlene denunciou ao Governador um aumento acelerado do número de famílias na invasão depois que, em março, o presidente da Associação de Moradores do Guará, Robson Alvarenga, fez um cadastramento do pessoal. A notícia se espalhou e um grande número de pessoas comprou barracos no local, achando que ganhariam lotes, devido ao cadastramento. Aparecido disse a ela que é preciso estabelecer um mecanismo de esclarecimento à população de baixa renda, para evitar o crescente processo de invasão.

Participaram da reunião os secretários da Habitação, Sadi Ribeiro, e de Serviços Sociais, Adolfo Lopes. Guy de Almeida designou o técnico da Shis, Carlos D'Alavequia, para dirigir o estudo da Vila da Ceb.

Vila do Parafuso

A Vila da Ceb é uma favela de quatro mil metros quadrados, onde

se amontoam oito mil pessoas em 1200 barracos. Existem barracos onde podem ser encontradas dez famílias, vivendo em cômodos de quatro metros quadrados.

Também chamada Vila do Parafuso, porque tem uma só rua que serve de entrada e saída, foi construída pela Companhia de Eletricidade de Brasília antes da inauguração da capital. Serviu para abrigar as famílias dos primeiros 300 funcionários da empresa.

Elas foram transferidas para as residências definitivas, mas a Ceb permitiu que vendessem os barracos, conforme depoimento de Edson Pimentel, secretário da Associação de Moradores.

O número de barracos quadruplicou com o passar dos anos mas a infra-estrutura permaneceu a mesma. Em consequência, não há água suficiente e muitos barracos só têm água nas torneiras durante à noite. A luz também é fraca devido à utilização de toda a carga.

O maior problema da favela é a inexistência de esgoto. Com o passar do tempo, as fossas superlotaram. As famílias abriram outras. Como não há espaço, os barracos têm quatro a cinco fossas aterradas. Maria Margarida Lopes da Silva mora num cômodo com três filhos, o marido e o sogro. Quando chove, a água da chuva se mistura com a fossa, que transborda e inunda o barraco.

Firmas de limpeza de fossas recusam-se a mandar caminhões ao local para limpar apenas uma fossa e cobram 200 cruzados para executar o serviço. Como a renda mensal de cada família não passa, na maioria das vezes, de um salário mínimo, o jeito é conviver com o problema.

Vendas

Segundo Antônia Cirlene de Lucena, cresce a especulação imobiliária no local. Vendem-se cômodos por preços que variam de oitenta a quinhentos mil cruzados. Um antigo proprietário dividiu o seu em dez e os vendeu.